

QUANDO DEUS FAZ MAL E MATA

Luiz José Dietrich

Resumo

Este artigo aborda a relação entre atitudes de intolerância, discriminação e violência perpetradas em nome de Deus e determinadas concepções teológicas, desenvolvidas ao longo do processo de instituição do monoteísmo em Israel. E a persistência dessa concepção monoteísta excludora e homogeneizadora em determinadas compreensões e práticas do cristianismo na atualidade, associadas a Jesus Cristo, embora esta vertente do monoteísmo tenha sido a teologia das pessoas que condenaram Jesus à morte.

Palavras-chave: *Conflitos religiosos. Intolerância. Discriminação. Violência em nome de Deus. Violência na Bíblia. Monolatria. Monoteísmo. Teocracia. O Deus de Jesus.*

Abstract

This article discusses the relationship between attitudes of intolerance, discrimination and violence perpetrated in the name of God and certain theological concepts developed throughout the process of institution of the monotheism in Israel. And the persistence of this excludent and homogenizing monotheist conception on certain understandings and practices of Christianity today, associated with Jesus Christ, although this kind of monotheism was the theology of those who condemned Jesus to death.

Keywords: *Religious conflicts. Intolerance. Discrimination. Violence in the name of God. Violence in the Bible. Monolatry. Monotheism. Theocracy. The God of Jesus.*

Ao lermos certas passagens da Bíblia deveríamos pedir para as crianças saírem da sala. “A Bíblia é um catálogo de maus costumes”, apresenta um Deus violento ao qual estão relacionadas muitas crueldades e carnificinas, “é um catálogo de crueldades, e o pior da natureza humana”¹. Afirmações como esta, de José Saramago, importante escritor português, prêmio Nobel de literatura, recen-

1. <http://www.youtube.com/watch?v=UZxFXn07dTE&feature=related>

temente falecido, fundamentam-se no fato de a Bíblia apresentar muitos textos que incitam e comandam atos de discriminação e violência em nome de Deus. Abaixo estão relacionados alguns versículos bíblicos em que estes aspectos de discriminação e de violência saltam aos olhos:

“O meu anjo irá diante de ti, e te levará aos amorreus, aos heteus, aos ferezeus, aos cananeus, aos heveus e aos jebuseus, e eu os exterminarei. Não adorarás os seus Deuses nem os servirás; não farás o que eles fazem, mas destruirás totalmente os seus Deuses e esmigalharás completamente as suas colunas sagradas... Não farás aliança nenhuma com eles, nem com os seus Deuses. Eles não habitarão na tua terra, para que não te façam pecar contra mim, pois se servirdes aos seus Deuses, isso te será uma cilada” (Ex 23,23-24.32-33)².

“Moisés ficou de pé no meio do acampamento e exclamou: ‘Quem for de Javé venha até mim!’ Todos os filhos de Levi reuniram-se em torno dele. Ele lhes disse: ‘Assim fala Javé, o Deus de Israel: Cingi, cada um de vós, a sua espada sobre o lado, passai e tornai a passar pelo acampamento, de porta em porta, e matai, cada qual a seu irmão, a seu amigo, a seu parente.’ Os filhos de Levi fizeram segundo a palavra de Moisés, e naquele dia morreram do povo uns três mil homens. Hoje recebestes a investidura para Javé, cada qual contra o seu filho e o seu irmão, para que ele vos conceda hoje a bênção” (Ex 32,26-29).

“(...) O povo se entregou à prostituição com as filhas de Moab. Estas convidaram o povo para o sacrifício aos Deuses delas, e o povo comeu e prostrou-se diante dos Deuses delas. Israel então comprometeu-se com Baal de Fegor, a ira de Javé se inflamou contra Israel. Javé disse a Moisés: ‘Toma todos os chefes do povo. Empala-os em face ao sol, para Javé; então a ira ardente de Javé se afastará de Israel.’ Moisés disse aos juízes de Israel: Mate cada um aquele dos seus homens que se comprometeram ao Baal de Fegor. Eis que chegou um homem dos israelitas, trazendo para junto de seus irmãos esta madianita... vendo isso Fineias... filho de Aarão, o sacerdote, levantou-se... tomou uma lança, seguiu o israelita até à tenda-santuário e transpassou os dois, o homem de Israel e a mulher, na tenda-santuário dela. E a praga que feria os israelitas cessou. E morreram dentre eles vinte e quatro mil... Javé falou a Moisés e disse: ‘Fineias... filho de Aarão, o sacerdote... foi possuído pelo mesmo zelo que eu, por isso, no meu zelo,

2. As citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram retiradas da Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002, porém com uma alteração: usou-se a letra maiúscula também para escrever o nome das divindades condenadas. Usar letras maiúsculas quando nos referimos à divindade em que nós cremos, e usar minúsculas para referir-se a outras divindades, ou divindades de outros povos, não é já uma primeira forma de violência, um dos primeiros sinais das violências religiosas abordadas neste artigo? Coloquemo-nos na pele de um dos povos que tem a sua (ou suas) divindade grafada com letra minúscula para perceber a violência implícita nesse ato adotado em todas as Bíblias e tão comum entre nós. Haverá menos verdade nas divindades dos povos que estão sendo alvos dessa violência do que nessa divindade que incita e promove essa violência?

não destruí os israelitas. Por essa razão eu afirmo: Dou-lhe minha aliança de paz. Será para ele e para sua descendência depois dele uma aliança que lhe garantirá o sacerdócio perpétuo...” (Nm 25,1-13).

“Quando Javé teu Deus te houver introduzido na terra em que estás entrando para possuí-la, e expulsado nações mais poderosas do que tu – os heteus, os gergeseus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus, – sete nações mais numerosas e poderosas do que tu, quando Javé teu Deus entregá-las a ti, tu as derrotarás e as sacrificarás como anátema. Não farás aliança com elas e não as tratarás com piedade. Não contrairás matrimônio com elas, não darás tua filha a um de seus filhos, nem tomarás uma de suas filhas para teu filho; pois desse modo o teu filho se afastará de mim para servir a outros Deuses, e a cólera de Javé se inflamaria contra vós, exterminando-te rapidamente. Eis como deveis tratá-los: demolir seus altares, despedaçar suas colunas sagradas, cortar seus postes sagrados, e queimar seus ídolos. Pois tu és um povo consagrado a Javé teu Deus; foi a ti que Javé teu Deus escolheu para que pertenças a ele como seu povo próprio, dentre todos os povos que existem sobre a face da terra” (Dt 7,1-6).

“Deveis destruir todos os lugares em que as nações que irei conquistar tinham servido aos seus Deuses, sobre os altos montes, sobre as colinas e sob toda árvore verdejante. Demolireis seus altares, despedaçareis suas colunas sagradas, queimareis seus postes sagrado e esmagareis os ídolos dos seus Deuses, fazendo com que o nome deles desapareça de tal lugar” (Dt 12,2-3).

“Se teu irmão – o filho do teu pai ou da tua mãe – teu filho, tua filha, ou a mulher que repousa em teu seio, ou o amigo que é como tu mesmo, quiser te seduzir secretamente, dizendo: ‘Vamos seguir a outros Deuses, Deuses que nem tu nem teu pai conheceram – Deuses de povos vizinhos, próximos ou distantes de ti, de uma extremidade da terra a outra – não lhe darás consentimento, não o ouvirás, e que teu olho não tenha piedade; não uses de misericórdia e não escondas o seu erro. Pelo contrário: deverás matá-lo! Tua mão será a primeira a matá-lo, e a seguir, a mão de todo o povo. Apedreja-o até que morra, pois tentou afastar-te da mão de Javé teu Deus que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão” (Dt 13,7-11).

“Quando entrares na terra que Javé teu Deus te dará, não aprendas a imitar as abominações daquelas nações. Que em teu meio não se encontre alguém que queime seu filho ou sua filha, nem que faça presságio, oráculo, adivinhação ou magia, ou que pratique encantamentos, que interogue espíritos ou adivinhos, ou ainda que invoque os mortos, pois quem pratica essas coisas é abominável a Javé, e é por causa dessas abominações que Javé teu Deus as desalojará em teu favor” (Dt 18,9-12).

“O homem com testículos esmagados ou com o membro viril cortado não poderá entrar na assembleia de Javé. Nenhum bastardo entrará na assembleia de Javé; e seus descendentes também não poderão entrar na assembleia de Javé até a décima geração” (Dt 23,2-3).

“Não haverá mulher consagrada aos cultos à fertilidade entre as filhas de Israel, nem homem consagrado aos cultos da fertilidade entre os filhos de Israel” (Dt 23,18).

“Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação” (Lv 18,22).

Dado que ainda hoje presenciamos muitos casos de intolerância, discriminação e violências, cometidas em nome de Deus precisamos nos perguntar até onde textos como os citados influenciam essas atitudes. Quanto da concepção de Deus apresentada nesses textos continua presente nas teologias atuais? Quanto disso foi incorporado no processo de construção da nossa concepção do monoteísta de Deus? Principalmente, precisamos nos perguntar como e por que tais concepções de Deus se inseriram no monoteísmo cristão, não somente porque estão em contradição com aspectos fundamentais do testemunho de Jesus de Nazaré, mas também por ser esta a teologia das pessoas que condenaram Jesus à morte.

1. Religião e violência na história e no mundo de hoje

De fato ao longo de nossa história temos muitos exemplos de violências cometidas em nome de Deus, ou pelo menos legitimadas com justificativas religiosas. Sabemos que as reais motivações geralmente são econômicas e políticas: saquear ouro, prata, pedras preciosas, controlar áreas de minérios, explorar e escravizar pessoas, apropriar-se de terras produtivas e sua produção, controlar comércio ou rotas de comércio de alguma mercadoria. Práticas como essas seguem até hoje nas áreas produtoras de petróleo, de minérios, pedras e metais preciosos, áreas com potencial para produção de energia, água, alimentos. Este é o pano de fundo dos principais conflitos que muitas vezes aparecem como conflitos religiosos em nossos noticiários. Há áreas em que a questão religiosa é mais explícita, como, por exemplo, no conflito milenar entre judeus e árabes muçulmanos, mas este, infelizmente, não é o único conflito em que o nome de Deus é usado para legitimar ataques, violências e mortes em nome de Deus.

Vários são hoje os países que vivem intensos conflitos bélicos, econômicos, políticos em que aspectos religiosos estão envolvidos:

- 1) Muçulmanos e Hindus, disputando a região da Caxemira, entre Índia, Paquistão e China.
- 2) Os Budistas Lamaístas e governo Chinês, no Tibete.
- 3) Os muçulmanos talibãs e governo Norte-Americano, cristão, no Afeganistão e em outras partes do Oriente Médio.
- 4) Conflitos internos no Irã, entre população e Governo Teocrático.
- 5) Irlanda/Eire (com católicos em maioria) e Irlanda do Norte/Ulster (com protestantes em maioria).

- 6) Expansão do islamismo na região norte e central da África, causando várias guerras civis, em diversos países, como na Nigéria, Congo, Rwanda e no Burundi.
- 7) Reavivamento das tensões e conflitos entre cristãos, hindus e muçulmanos na Indonésia.

E há ainda muitos outros conflitos semelhantes. Certamente são fatos como esses que fundamentam as acusações daqueles e daquelas que afirmam que as religiões causam mais violência do que paz³. Conforme a avaliação de muitas pessoas, que por isso inclusive defendem o ateísmo, o mundo seria um lugar melhor sem as religiões e seus conflitos e guerras. Necessitamos reconhecer que há muita verdade nisso. Não só na história, no passado, as divisões religiosas atravessaram continentes, épocas como ainda hoje seguem influenciando a política, a economia e muitas vezes dilacerando comunidades e ceifando vidas.

Inclusive grande parte do *mapa-múndi* atual foi desenhado por confrontos, divisões, lutas, disputas internas e guerras internacionais. Assim, por exemplo, a Europa “cristã” surge como resposta às invasões muçulmanas nos séculos 14-17, e pelo movimento de ocupação da parte da Europa oriental e do Cáucaso pelo islã, que vai até o século 20, que segue e causa desconfortos e conflitos ainda hoje.

Também é claro que nem sempre esses conflitos são diretamente causados pelas religiões. Muitas vezes são motivações ideológicas que movem perseguições e retaliações, como por exemplo as dificuldades impostas às religiões na China. Os comunismos, os socialismos, os fascismos e os nacionalismos viram a religião como ameaça para os projetos de sociedade que queriam construir; e de fato, a maior parte das religiões envolvidas era aliada e beneficiária dos regimes que os revolucionários combatiam. Outros tantos conflitos estão relacionados com as divisões e disputas internas das religiões, como católicos e protestantes na Irlanda, sunitas e xiitas no Iraque, etc. Mas temos de refletir sobre o papel das religiões nesses conflitos. Por que discursos e legitimação religiosa podem ser usados para justificar atos de guerra e violência? Por que os crentes aceitam isso, e na maioria das vezes ficam calados e não denunciam e desautorizam esse uso da religião?

2. Violências contra as religiões indígenas e de matriz africana

No Brasil atual, mais do que a violência dos conflitos armados, estão presentes os casos de discriminação, preconceitos, intolerância e mesmo atos violentos contra os povos de origem africana e os povos originários e suas religiões e cultos tradicionais. As origens das religiões africanas – o culto aos Ancestrais, aos

3. Ver nesse sentido a série de publicações defendendo o ateísmo que tem vindo à luz nos últimos anos, dentre os quais citamos: DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*, São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 4ª reimpressão; HITCHENS, Christopher. *Deus não é grande. Como a religião envenena tudo*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, 1ª reimpressão; HARRIS, Sam. *Carta a uma nação cristã*, São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 1ª reimpressão.

Orixás, Voduns ou Inquices, as religiões mais antigas do planeta – confundem-se com o processo de humanização de nossa espécie e começaram a desenvolver-se a mais de um milhão de anos atrás. Achados arqueológicos provam que os povos originários da América do Sul habitam a região desde a mais de 20.000 anos atrás.

No entanto esses povos e essas religiões, apesar de serem antiquíssimas, sofreram muito com os cristãos. E, os povos africanos, também com os muçulmanos na África. E seguem sofrendo ainda. Jornais, revistas e outros meios informativos praticamente a cada dia nos dão exemplos de intolerância, preconceitos e violências contra os povos indígenas e os povos afrodescendentes e suas religiões. As ações vão desde campanhas evangelísticas até a demonização de seus cultos e ataques a Centros de Umbanda e Candomblé. Tais práticas estão imbuídas do pensamento de que as religiões tradicionais africanas e indígenas precisam ser extirpadas, até para o bem dos índios e africanos, pois tais religiões os afastariam do verdadeiro Deus e da salvação.

3. Violência contra pessoas com opções/orientações homoafetivas

É muito forte também entre nós a discriminação contra as pessoas que assumem relacionamentos homoafetivos. Isso ficou muito evidente nas campanhas contra o Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH), principalmente no que concerne à afirmação dos direitos das pessoas homossexuais e à cartilha elaborada para a campanha de divulgação destes direitos nas escolas. A cartilha foi denominada de “kit gay” pelos seus detratores, e, juntamente com a campanha, acabou sendo suspensa. Esta mesma atitude discriminatória veio à tona nas últimas campanhas eleitorais para a presidência da república, e diversos setores de várias igrejas defenderam voto contra a atual presidenta da república imputando a ela posições favoráveis aos direitos homossexuais.

Embora a violência em nome de Deus também seja praticada por outros grupos religiosos, nesse texto abordaremos a violência em nome de Deus praticada por cristãos. Por que isso acontece? De onde lhes veem essa convicção? Em parte esse pensamento fundamenta-se em textos bíblicos. Nesse artigo queremos abordar estes textos e propor uma compreensão histórica e uma leitura libertadora destes textos e das teologias deles emanadas.

4. A violência como parte do processo de constituição do monoteísmo

De fato há na Bíblia muitos textos que incitam e legitimam a violência contra outras religiões e contra as pessoas que têm outras formas de nomear e cultuar a Deus. A violência e a incitação a atos de violência fazem parte dos textos que ao longo da história de Israel serão considerados sagrados, serão instituídos como palavras de Deus. Em Israel esse processo vai do politeísmo ao monoteísmo, “da pluralidade à singularidade”⁴. Porém esse movimento em direção ao monoteísmo

4. REIMER, Haroldo, *Inefável e sem forma*. Estudos sobre o monoteísmo hebraico. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2009, p. 21-52.

acontece ou sob o patrocínio ou em aliança com o poder político e carrega dentro dele um alto grau de violência, imposição, estando, na maior parte das vezes, associado a um projeto de dominação e tendo uma função importante na legitimação da dominação de um grupo sobre outros.

5. A arca e o Deus da arca como legitimação do poder de Davi

Os primeiros passos na direção do monoteísmo talvez tenham sido dados por Davi, que se torna rei após uma série de mortes (1Sm 22–2Sm 5) e em condições muito suspeitas (2Sm 16,5-8), leva a arca para dentro das muralhas de Jerusalém (2Sm 6,1-23). Embora a grande quantidade de guerreiros necessária para que a arca fosse tomada das tribos de Benjamim e Efraim possa ser exagerada – “toda a elite do exército de Israel: trinta mil homens” (2Sm 6,1) –, serve para revelar uma parte da violência e da imposição implicada nesse ato. E a partir dele, Javé dos Exércitos passa a ser o Deus do rei. E Davi e a monarquia davídica começam a ser apresentados como representantes de Javé dos exércitos, o Deus da arca. O culto a Javé dos exércitos passa a ser uma espécie de culto oficial.

Isto se torna visível nos vínculos entre a narrativa da luta entre Davi e Golias (1Sm 17,1–18,5) e a chamada narrativa da arca (1Sm 4,1b–7,1). Estes textos apresentam uma série de conexões tradicionais e textuais que permitem supor que tenham sido parte de uma redação anterior ao período de Ezequias e Josias⁵. A divindade comum às duas narrativas é Javé dos Exércitos (*Yhwh Sebaot*). E assim como em 1Sm 4 Javé dos Exércitos é representado pela arca, em 1Sm 17 é Davi quem representa Javé dos Exércitos.

Em 1Sm 4,4 a arca é a “arca da aliança de Javé dos Exércitos, o entronizado sobre os querubins”⁶. E em 1Sm 17,45 Davi diz para seu adversário filisteu: “tu adentrando para mim com espada, e com lança e com cimitarra; e eu adentrando para ti em nome de Javé dos Exércitos, o Deus das fileiras de Israel, o qual afrontaste”. A expressão “em nome de Javé dos Exércitos” voltará em 2Sm 6,18, quando após estabelecer a arca em Jerusalém Davi abençoa o povo invocando este epíteto divino⁷.

Davi também é apresentado como representante de Javé dos Exércitos na simbologia envolvida no desfecho do combate entre Davi e o filisteu. A narrativa de 1Sm 5 reporta que os filisteus depositaram a arca no templo de Dagon,

5. Para mais detalhes ver DIETRICH, Luiz José, Davi e Golias e a atual discussão sobre a história de Israel, in: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da (orgs.), *Hermenêuticas bíblicas*. Contribuição ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG/ABIB, 2006, p. 129-135.

6. A expressão “*Yhwh Sebaot*, o entronizado sobre os querubins”, encontra-se também em 2Sm 6,2, igualmente relacionada à arca.

7. Além das passagens já citadas, na chamada Obra Histórica Deuteronomista o nome *Yhwh Sebaot* também é usado em 1Sm 1,3.11 ligado ao santuário de Silo, em 2Sm 5,10, quando Davi já se encontra em Jerusalém, e em 2Sm 7,8.26.27; 1Rs 18,15; 19,10,14.31; 2Rs 3,14; e provavelmente também no texto corrompido de 2Rs 19,31.

“ao lado” de Dagon. E em 5,3 e em 5,4 o relato informa que por duas vezes os filisteus encontraram Dagon “caído com sua face para terra”, diante da arca. Em 1Sm 17,49 o oponente de Davi cai diante dele praticamente da mesma forma com que Dagon caiu diante da arca. Apesar de ter levado uma pedrada na testa, tão violenta que a “pedra se cravou na sua testa”, o filisteu cai para frente: “e (ele) caiu sobre sua face para a terra”. Isto é reforçado pelo fato de pouco antes deste desfecho os dois guerreiros terem se assumido como representantes de seus Deuses. Em 17,43 o filisteu “amaldiçoou a Davi por seus Deuses”, e no verso 45 Davi responde ao filisteu dizendo que o enfrenta “em nome de Javé dos Exércitos, o Deus das fileiras de Israel”. Assim diante de Davi, que fala em nome de Javé dos Exércitos, “Golias” cai da mesma maneira como Dagon caiu diante da arca de Javé dos Exércitos.

A anacrônica menção de Jerusalém em 1Sm 17,54⁸, além de reforçar o testemunho da antiguidade reforça também a tese da ligação das duas narrativas, é também mais um fato a comprovar os primórdios do estabelecimento de uma religião oficial, como religião do rei, possivelmente já com Davi ou nos inícios de sua dinastia.

Porém nesta época Javé é uma divindade ao lado de outras. Javé parece ter sua área de atuação, uma espécie de jurisdição, na organização dos guerreiros e na realização das batalhas em defesa da vida dos camponeses (cf. Ex 14,14.24-25.27; 15,2-3; Dt 1,30; Jz 4,14-15; 1Sm 4,3-6; 14,6; 17,47, etc.). E a partir de uma espécie de pacto no qual as pessoas que ficavam nas aldeias se comprometiam a cuidar dos órfãos e das viúvas, caso algum dos defensores viesse a morrer, Javé torna-se também o garantidor das relações éticas de justiça e solidariedade (Ex 22,20-26, Dt 10,18-19; 24,10-22; 27,19; Sl 146,9; Is 1,17; Jr 7,6). Embora certamente Javé tivesse algum altar com destaque, e de algum culto especial no palácio e nas estruturas urbanas vinculadas ao palácio, ele era adorado ao lado de outras divindades que eram responsáveis por outras áreas da vida, como Baal, responsável pelas chuvas e pela fertilidade dos campos, como El e Asherá e outras divindades responsáveis pela fertilidade das mulheres e dos animais. No entanto a colocação de Javé como Deus do rei, da casa davídica, é o primeiro passo no processo que terminará com Javé sendo concebido como o Deus único para todo universo e para todos os povos.

5. As reformas de Jeú/Eliseu, Joiada, Ezequias e Josias

Muito mais significativas para esse processo serão, no entanto, a série de reformas político-religiosas efetivadas pelas monarquias de Israel e de Judá. Embora não se possa dizer que o alcance e a profundidade de cada uma dessas destas reformas estejam esclarecidos, sem dúvida elas são passos importantes na direção da instituição do monoteísmo em Israel.

8. 1Sm 17,54: “E tomou Davi a cabeça do filisteu e a fez adentrar em Jerusalém; e as suas bagagens pôs em tenda dele”.

5.1 A reforma de Eliseu e Jeú: Javé Deus oficial de Israel (841-814 aC)

No reino do norte a dinastia de Amri (845-841 aC), em aliança com os fenícios, parece ter adotado Baal e Asherá como divindades oficiais (1Rs 16,31-33; 18,19; 2Rs 10,25-27). A reforma de Jeú acontece no contexto de um golpe militar, que extermina a dinastia de Amri. A narrativa se esmera em descrever uma série de massacres, que culminam com a destruição do santuário de Baal, das imagens de Baal e de Asherá, e a instituição de Javé como Deus oficial também em Israel (2Rs 9,1-10,31). É preciso notar, porém, que esta reforma deve ter atingido principalmente o santuário oficial da Samaria e talvez também Betel, Guilgal e Dã (Am 4,4; 5,5; 7,10-13; 8,14), santuários sobre os quais o rei tinha controle. Nada se diz dos outros santuários tribais, onde certamente Asherá e Baal continuavam sendo cultuados, ao lado de Javé, das divindades familiares (*Elohim*) e de muitas outras divindades. Nada se diz também das imagens dessas divindades, que igualmente existiam nas casas e nos locais de culto das aldeias e vilas camponesas.

5.2 A reforma do sacerdote Joiada no templo de Jerusalém (835 aC)

O texto de 2Rs 11,17-20 (cf. 2Cr 23,1-24,16) traz uma narrativa de uma reforma realizada no templo de Jerusalém em paralelo com a reforma capitaneada por Jeú e Eliseu no reino do norte. Também aqui há um componente de violência envolvido que é a morte da rainha Atalia, última descendente da dinastia de Amri. Ela era filha de Amri e mãe de Ocozias (2Rs 8,25-26), o rei de Judá morto na reforma de Jeú. Atalia como Rainha Mãe (*gebiráh*, cf. 1Rs 15,13) exterminou os filhos sucessores de Ocozias e reinou em Judá por seis anos (2Rs 11,1-3). Esse curto reinado, da única mulher e única pessoa não descendente de Davi que ocupou o trono de Jerusalém, terminou num golpe organizado por Joiada, chefe dos sacerdotes de Jerusalém (cf. 2Rs 12,8), juntamente com os guardas do templo e com o “povo da terra” (grandes proprietários de terras que davam apoio político, militar e financeiro à dinastia de Davi: 2Rs 11,14.18.19.20; cf. 16,15; 21,24; 23,15.20; 25,19). Joiada também comanda, juntamente com o “povo da terra”, a destruição do templo e dos altares de Baal em Jerusalém, e a morte do sacerdote de Baal, Matã. Parece ter instituído uma aliança em que o rei e o povo da terra comprometiam-se a ser povo de Javé. Sua ação, no entanto, parece não ter ido muito além do templo, ou dos arredores do templo de Jerusalém. É um prelúdio das reformas que serão empreendidas por Ezequias e Josias, em território mais amplo.

5.3 A reforma de Ezequias (716-687 aC)

Pouco antes de Ezequias assumir o poder em Jerusalém a Assíria conquistou o reino de Israel e destruiu Samaria (722 aC). Durante o reinado de Ezequias o domínio assírio estendeu-se até incluir parte do Egito. Embora com o império assírio dominando todas as regiões importantes ao seu redor, Ezequias busca manter Judá como um reino independente. Nesse contexto de resistência situa-se

a sua reforma. Ezequias prepara-se para uma guerra contra o exército assírio. Amplia o fornecimento de água cavando na rocha um canal de pouco mais de 500 m, que hoje é chamado de “o túnel de Ezequias”, para levar água da fonte de Gion para dentro dos muros de Jerusalém (2Rs 20,20; 2Cr 32,30; Eclo 48,17; Is 22,11). Também aumenta a área da cidade, para que ela possa acolher tanto fugitivos do reino de Israel (722 aC), como os nobres das 46 cidades dos arredores de Jerusalém (cf. 2Cr 30,18.25; 2Rs 22,14)⁹, que foram tomadas por Senaquerib em 701 aC (2Rs 18,13; 2Cr 32,1) reforça o tamanho e a espessura das muralhas que cercavam a cidade de Jerusalém (2Cr 32,5; Is 22,9-10).

É este contexto de forte preparação militar que leva Ezequias a fazer uma importante modificação teológica em Judá. Em todo o reino de Judá somente se adorará a Javé. E Javé será cultuado somente em Jerusalém. É para lá que deverão a partir de agora serem levadas todas as oferendas que anteriormente eram feitas fora de Jerusalém. Todos os santuários e cultos fora de Jerusalém passam a ser proibidos, sejam eles dedicados a “outros Deuses”, às Deusas, ou mesmo a Javé. Todos os santuários, locais de culto (os “lugares altos”) fora de Jerusalém são condenados e destruídos. Todos os outros Deuses e Deusas, e suas respectivas imagens são destruídos e proibidos. A ideia é que para ter a proteção de Javé, contra o poderoso império assírio, Judá deve fazer uma aliança de adoração exclusiva a Javé, ser o povo de Javé, para que Javé seja o Deus de Judá (2Rs 18,3-6; 2Cr 29,1-31,1).

Como foi visto anteriormente, Javé, no mundo politeísta vigente até então, era provavelmente a divindade que patrocinava, guardava e dirigia os guerreiros encarregados da defesa armada das vilas camponesas, quando estas estivessem em perigo ou sob ataque. Desde Davi era também o Deus do rei, da dinastia davídica. Com Ezequias Javé passará a ser o Deus nacional de Judá. Para ser a divindade oficial, única divindade de Judá, sua jurisdição tem de abarcar todas as áreas da vida. Javé será então identificado com as divindades clânicas, familiares, chamadas genericamente de Elohim, e também com El, o grande Deus supremo do panteão cananeu (Dt 10,17), sendo que os cultos oficiais passam a atribuir a Javé tanto as funções dos Elohim e de El, como também as de Baal, de Asherá, de Astarte e de muitas outras (Dt 28,1-68; cf. 7,12-16; 11,13-17; Ex 12,1-13,16). Com isso, funções, anteriormente atribuídas a outras divindades, como a fertilidade das mulheres e dos animais, seus primogênitos, a fertilidade e as primícias dos campos, a chuva, amor, saúde, doença, morte, etc., paulatinamente são transferidas a Javé.

9. Nesse período, em menos de 20 anos a área cercada por muralhas em Jerusalém passou de 5 hectares (50.000 m²/0,05 Km²) para 60 hectares (600.000 m²/0,6 km²), e a população que vivia em seu interior passou de 1.000 ou 2.000 para 15.000 habitantes, cf. FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão* (tradução de Tuca Magalhães); São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 29-331; LIVERANI, Mário. *Para além da Bíblia – História antiga de Israel* (tradução de Orlando Soares Moreira). São Paulo: Paulus/Loyola, 2008, p. 195-199. Avaliação divergente, com números maiores, é apresentada por SHNIEDEWIND, William M. *Como a Bíblia tornou-se um livro. A textualização do Antigo Israel* (tradução de Luciana Pudenzi). São Paulo: Loyola, 2011, p. 98-106. Porém este autor parece superestimar a importância de Jerusalém no tempo de Ezequias.

Javé como único Deus de Judá, e o templo de Jerusalém como único local de culto permitido, é uma tremenda centralização religiosa que tem como objetivo a centralização de todas as oferendas em Jerusalém. Sacrifícios e oferendas que antes eram realizadas em milhares de locais sagrados, agora eram todas direcionadas a Jerusalém. Com isso Ezequias visa estocar mantimentos e obter produtos para comerciar e obter recursos para suas obras, equipamento de seu exército e o fortalecimento de suas defesas (2Cr 31,4-12). Porém a centralização religiosa foi feita, como sempre acontece, com muita imposição e violência (2Rs 18,4.22; Is 36,7; 2Cr 30,13-14; 31,1). E como uma série de textos da chamada “Obra Histórica Deuteronomista” (Js, Jz, 1 e 2Sm, 1 e 2Rs), do Pentateuco e de vários livros dos profetas tiveram sua redação iniciada nessa época, o rosto deste Javé oficial violento, excludor, exclusivista, centralizador, homogeneizador e intolerante ficou gravado em muitas partes da Bíblia. Algumas delas estão no início desse artigo.

5.4 A reforma de Josias (640-609 aC)

O que Ezequias fez no âmbito de Judá, Josias sonhou fazer em todo Israel. Josias assume o poder quando a Assíria entra em decadência, é expulsa do Egito e se retira da Palestina. A reforma centralizadora de Josias segue a mesma inspiração e tem a mesma pauta da reforma de Ezequias. Porém Josias sonha estender o poder de Jerusalém, da casa de Davi, abarcando além de Judá também o território do antigo reino do norte. Nos textos do Pentateuco e dos Livros Históricos redigidos nessa época Josias projeta o ideal das 12 tribos unidas, adorando a um só Deus, seguindo a um só homem, em aliança com Javé. Mostra Moisés, Josué, os Juízes, Samuel, Saul e Davi numa linha sucessória designada por Javé, sempre realizando o papel que ele sonha para si: as doze tribos unidas em um só povo, seguindo a um só homem e, agora, adorando somente a Javé e somente em Jerusalém. A reforma de Josias veio após o longo reinado de Manassés, que deve ter reintroduzido o culto a outras divindades em Jerusalém e talvez também em Judá e realizou um governo completamente submisso à Assíria (2Rs 21,1-17). Com Josias Javé passa a ser “o Deus de Israel”. Para realizar seu sonho de construir um pequeno império, projetado na mítica imagem do império davídico-salomônico, criada pelos escribas e sacerdotes de Josias¹⁰, Josias terá de enfrentar o faraó, que também pensa assumir o controle sobre o espaço vazio deixado pelos assírios em retirada.

Como Josias terá mais condições políticas e militares de promover sua reforma e integrar em seu domínio político o reino do norte – que o poder assírio em seu ápice não permitiu a Ezequias – sua ação certamente terá um componente de violência maior (2Rs 23,4-23; 2Cr 34,3-7). A ampliação do domínio político sobre as terras e tribos do norte, a violência contra os santuários, os Deuses e Deusas cultuadas há séculos, a violência contra seus sacerdotes, sacerdotisas

10. Divergindo da interpretação apresentada por William M. SCHNIEDEWIND, citada na nota anterior.

(2Rs 23,5-7.14.16.20) e seguidores necessita de uma justificativa forte e muito bem elaborada.

Com essa função grande parte do atual Pentateuco, dos livros da Obra Histórica Deuteronomista, dos livros dos profetas pré-exílicos, de Provérbios e Salmos foram redigidos de modo a dar suporte teológico e legitimação religiosa para a reforma e o projeto de Josias. Muitos textos de Êxodo, Levítico, Números, Deuterônomo e dos Livros Históricos, com Javé ordenando que sejam mortos os cananeus, que seus templos, seus Deuses e suas imagens sejam totalmente destruídos, provavelmente são redigidos nessa época, como Dt 13, o livro de Josias, etc. Visam inscrever no passado uma ordem dada por Javé (a partir do “livro da Lei”, “descoberto” no templo, provavelmente Dt 12–26, ampliado) que nunca fora completamente seguida pelo povo de Israel, mas que agora Josias estava decidido a implantar, com apoio de Javé (2Rs 23,1-3).

E nestes textos transparece toda a ambiguidade da teologia oficial dessa época. Como o principal adversário político de Josias é o faraó do Egito, Javé vai ser mostrado como o Deus do Êxodo: “Eu sou Javé teu Deus que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão” (Ex 20,1). E o êxodo vai ser mostrado como uma luta entre o faraó, com seus Deuses e seu exército de um lado (Ex 12,12; 14,25-28; 15,1-11), e do outro Javé e “os filhos de Israel”, as doze tribos unidas, comandadas por um só homem, em aliança com Javé (Ex 6,1.6-7; 7,4-5; 8,6; 10,1-2). Usa-se e reforça-se o sagrado rosto de Javé, como um Deus libertador, sensível à injustiça e à opressão, defensor da vida dos oprimidos, forjado desde a antiguidade no culto dos camponeses que se armavam para lutar em defesa de suas colheitas, sua liberdade e de suas vidas, refletido numa das mais belas passagens da Bíblia: “Javé disse: eu vi, eu vi, a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso descí a fim de libertá-lo da mão dos egípcios”... (Ex 3,7-8a; cf. 2,23-25; 6,5; At 7,34). Mas esse sagrado rosto do Javé que defende e promove a vida é posto a serviço do projeto de dominação de Josias e usado para justificar toda a violência necessária para sua efetivação: a “terra boa e vasta, terra que mana leite e mel”, que Javé promete para o seu povo, é a terra dos “cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus” (Ex 3,8b), e estes povos deverão ser exterminados! Javé mesmo vai ajudar a exterminá-los (Ex 23,23-33). Estes povos deverão ser excluídos, desterrados, atacados e mortos ou escravizados, por quê? Porque são assassinos contumazes? Violentos e opressores? Promotores de injustiças abomináveis? Não! Somente porque adoram a outros Deuses, possuem imagens, cultuam suas divindades de formas e modos diferentes daquele que Ezequias e Josias estão estabelecendo em suas reformas centralizadoras da religião, com objetivos econômicos, políticos e militares.

6. Dêutero-Isaías: o rosto libertador do monoteísmo

As reformas de Jeú, Joiada, Ezequias e Josias avançam para a monolatria, ou henoteísmo: adorar a um só Deus sem deixar de reconhecer a existência de

outros Deuses, como, por exemplo, Ex 20,3; 22,19; Dt 10,17; Js 22,22; 95,3; 96,4; 135,5; 136,2-3. Ainda não se chegou ao monoteísmo, que é a crença de que só existe um Deus, não admitindo a existência de qualquer outra divindade. Tal teologia só será alcançada entre os exilados da segunda deportação (587 aC), na Babilônia, por volta dos anos 550 aC¹¹. O Dêutero-Isaiás (Is 40–55), escrito elaborado por esse grupo, encontra-se recheado de afirmações como estas: “Eu sou: antes de mim nenhum Deus foi formado, e depois de mim não haverá nenhum. Eu, eu sou Javé, e fora de mim não há nenhum Salvador.” (Is 42,10-11). Ou: “Assim diz Javé, o rei de Israel, Javé, Deus dos exércitos, o seu redentor: eu sou o primeiro e o último, fora de mim não há Deus” (Is 44,6); “Eu sou Javé, e não há nenhum outro, fora de mim não há Deus” (45,5).

Em Is 40–55 estão as afirmações monoteístas mais antigas da Bíblia Hebraica¹². Por trás deste escrito estão os grupos de exilados da segunda deportação, muitos dentre eles eram levitas do interior. Na luta contra opressão imperial, começam a afirmar que as Deusas e Deuses babilônicos, que apoiavam e legitimavam a violência, a escravidão e a opressão, não são Deuses. As divindades babilônicas e suas imagens aparentam serem divindades, mas na verdade nada são (Is 44,9-20). Dessa forma começam a estabelecer a concepção monoteísta da fé de Israel (Is 43,10-13; 44,6-8; 45,5-6.21; 46,9;). Revela-se aqui o coração sagrado e libertador do monoteísmo: a única divindade verdadeira é a que está junto aos oprimidos em luta contra a opressão. O critério para estabelecer essa classificação é mais a função exercida pela divindade do que o seu nome, suas características ou forma de culto. Como em Ex 3,14, a verdadeira divindade é definida mais por uma ação do que por um nome ou por uma forma de culto. “Eu sou”, eu sou o que sou para vocês, eu sou o que serei, o que estou sendo, presença solidária e libertadora junto a vocês. Na sua resistência e luta por liberdade e dignidade os exilados contam as histórias antigas acrescentando essas releituras e nelas encontram forças para manter acesa a esperança da libertação e do retorno à terra de Judá.

7. No pós-exílio: Monoteísmo e violência em nome de Deus

Estas releituras, no entanto, irão consolidar-se nos escritos bíblicos somente após o retorno dos exilados, a partir de 530 aC, quando o rei Ciro da Pérsia irá derrotar o império babilônico e libertar os exilados. E principalmente entre 515-

11. Podem ter recebido influências do Mazdeísmo propagado pelo profeta Zaratustra (em gr. Zoroastro), instituído como religião oficial persa mais ou menos nessa mesma época, que também propõe a existência de um único Deus: Ahura Mazda. Ahura Mazda, a divindade única responsável pelo bem, tem um adversário, o Deus Harimã, responsável pelo mal e pelo caos. Embora por isso o Zoroastrismo seja melhor qualificado como “monoteísmo dualista”, há diversos pontos de contato com judaísmo, cristianismo e islamismo: possui um livro sagrado revelado, Zend-Avesta, anuncia a vinda de um Messias nascido de uma virgem, e crê num juízo final.

12. As afirmações monoteístas encontradas em páginas ou livros anteriores a Is 40–55, como Dt 4,35.39; 32,39, são provavelmente marcas de releituras exílicas ou pós-exílicas, onde a própria linguagem revela seu vínculo com o texto de Is 40–55.

400 aC, quando os persas apoiarão a reconstrução do Templo, das muralhas e da cidade de Jerusalém, com o envio de Neemias e do sacerdote Esdras.

No conflito que se estabelece com a volta dos exilados, que encontram os latifúndios de seus antepassados ocupados há mais de 50 anos pelos camponeses remanescentes aos ataques Babilônicos. Parte dos exilados, buscando reaver sua condição de latifundiários e nobres, irão usar muitas das intuições e instituições libertadoras criadas no exílio para menosprezar, condenar e excluir os camponeses remanescentes na terra de Judá.

Entre os anos 450-400 aC os sacerdotes, organizados a partir do novo Templo, serão confirmados como intermediários entre o povo e o império persa, e com a transformação da Judeia em uma província persa, os sacerdotes irão exercer o poder em nome de Deus. Esse governo teocrático irá impor nova concepção de Deus, do povo de Deus e do pecado. Javé será agora considerado como Deus único e universal (Dt 4,39; 1Rs 8,60).

Porém, os elementos libertadores, que constituíam a sacralidade do monoteísmo nascido na resistência à escravidão do exílio, foram substituídos por uma sacralidade ligada ao nome da divindade, a um lugar sagrado, a um conjunto de determinados rituais e a uma hierarquia sacerdotal bem-definida. O nome será tão sagrado que só poderá ser pronunciado pelo sumo sacerdote, e num ritual realizado uma só vez por ano (Lv 16). O Templo, casa desta divindade, é considerado o lugar mais sagrado do país, com espaços exclusivos aos sacerdotes. Outra pessoa que adentrar a esses espaços é punida com a morte (Ex 19,13; Nm 1,51; 3,10; 2Cr 23,19). Faltas rituais serão punidas com a morte (Lv 20,1-21; 23,29-31; 24,10-23; Ex 19,12; 31,14-15; Nm 15,32-36; 25,1-18) ou com a exclusão (Lv 10,11; 11,24-28.31-45; Mc 2,15-17). A pureza racial e ritual torna-se o critério básico para definir quem pertence ou não ao povo de Deus. E o pecado é agora definido pelas leis de pureza e impureza, conforme o livro do Levítico. É nesse processo, aliás, que o Pentateuco – Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio – receberá a forma em que se encontra hoje em nossas Bíblias. Serão promulgados como livros sagrados pelas autoridades do segundo Templo e impostos como lei de Deus – e do rei – com apoio dos persas (Esd 7,25-26). E a desobediência a essas leis será “castigada rigorosamente; com a morte ou o desterro, com multa ou prisão”.

8. E Jesus? E nós?

Jesus provavelmente herdou de seu povo uma concepção monoteísta de Deus. Porém certamente não era a concepção definida pela teocracia pós-exílica, embasada tanto na teologia centralizadora de Ezequias e Josias, como no monoteísmo legitimador da exclusão e justificador de violências, hierarquias e privilégios dos sacerdotes do segundo Templo. Essa era na realidade a teologia

das pessoas que condenaram Jesus à morte, ou apoiaram essa condenação. No entanto, a grande quantidade de atos de discriminação, intolerância e violências cometidas por cristãos em nome de Jesus deve hoje nos levar a uma profunda reflexão e a reavaliarmos nosso cristianismo. Pois essas violências hoje, praticadas por grupos cristãos, em nome do evangelho de Jesus, revelam que no decorrer da história da formação do cristianismo, pelo menos de parte do pensamento cristão visível nos grupos e pessoas que patrocinam, incitam e apoiam tais atos, aconteceu uma grande perversão. Essa perversão consiste em colocar na boca de Jesus a teologia das pessoas que condenaram e mataram Jesus. Jesus foi condenado por um monoteísmo javista com características muito semelhantes ao monoteísmo trinitário, cristão, que incita e promove, ou pelo menos aceita calado, as atitudes discriminatórias, intolerantes e violentas contra partes das culturas e das religiões dos povos africanos e afrodescendentes, dos povos nativos das Américas, e muitas outras etnias e religiões diferentes. Esse mesmo monoteísmo exclusivista, homogeneizador manifesta-se também em posturas violentas contra as pessoas que mantêm ou desejam manter relacionamentos homoafetivos, ou combatendo as propostas que visam reconhecer os direitos de tais pessoas a viverem suas orientações ou opções sexuais.

Tais teologias afastam-se muito da teologia, do Deus de Jesus. Formaram-se certamente no processo que se desenvolve após a morte de Jesus, e principalmente nos séculos seguintes, quando uma corrente do cristianismo tornar-se-á religião oficial do Império Romano. Nesta situação se fortalecerão as tendências centralizadoras, hierarquizadoras, homogeneizadoras e exclusivistas dentro do cristianismo nascente para que este pudesse cumprir o papel desenhado, não por Jesus, mas pelos objetivos e desejos do império romano e de seus aliados.

9. A revelação em Jesus: Deus é amor

O Deus de Jesus de Nazaré certamente era diferente. Baseava-se nas fontes mais genuínas das experiências libertadoras que originaram a fé de Israel. Os seguidores e seguidoras de Jesus perceberam que para ele a sacralidade estava na vida, na defesa e na promoção da vida: “eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10); estava mais na prática da solidariedade do que nos rituais e sacrifícios: “misericórdia quero, e não o sacrifício” (Mt 9,14; 12,7; cf. Os 6,6); estava mais num processo de sensibilidade e de humanização das pessoas e das relações do que na defesa de uma religião: “o sábado foi feito para as pessoas e não as pessoas para o sábado” (Mc 2,27); na partilha dos bens: “antes dai o que tendes em esmola e tudo ficará puro para vós!” (Lc 11,41); a sacralidade, o centro da religião, para Jesus devia estar na construção de relações de amor e cuidado uns para com os outros: “tudo aquilo, portanto, que quereis que as pessoas vos façam, fazei-o vós a elas, pois esta é a lei e os profetas” (Mt 7,12; Lc 6,31), “amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu es-

pírito. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: amarás a teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas (Mt 22,37-40; Mc 12,29-33; Lc 10,27, cf. Lv 19,18). A comunidade joanina sintetiza tudo no novo mandamento fazendo do amor a marca maior do cristianismo: “Dou-vos um mandamento novo: que vos amei uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisso reconhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,34-35; 15,12-13.17; 17,26; 1Jo 3,23). A comunidade Joanina pode resumir assim toda a obra de Jesus, porque para ela o sagrado está no amor. No amor está todo o mistério da vida, pois para as comunidades dessa tradição “Deus é amor” (1Jo 4,7-21).

Ao revelar que Deus é amor Jesus veio resgatar esse núcleo sagrado do judaísmo, núcleo esse que corria o risco de ficar soterrado sob a grande carga de imperialismo, legalismos e ritualismos embutidos no monoteísmo judaico oficial. Com suas palavras e com sua vida, Jesus anunciou que Deus é amor, e foi coerente com isso até o fim (13,1). Procurou mostrar de diversas formas que Deus não é um conjunto de leis, Deus não é um conjunto de rituais, Deus não é uma Igreja, Deus não é nem sequer uma religião: Deus é amor. Esta fé, crer que Deus é amor, e viver de maneira coerente com ela, é que é “o caminho, a verdade e a vida”. Somente se chega a Deus pelo amor. Uma releitura em perspectiva ecumênica e inter-religiosa vai então superar as práticas colonialistas e imperialistas, vai superar a compreensão exclusivista e homogeneizadora associadas ao monoteísmo cristão, e saberá reconhecer que em todas as religiões existe um núcleo sagrado direcionado à prática do amor. Esse núcleo confere igual dignidade às religiões de todos os povos. É evidente que também dentro de todos os povos, culturas e religiões existem práticas que representam a negação do amor. Essas práticas, sim, devem ser combatidas e se possível eliminadas. A promoção do amor não somente dentro do cristianismo, mas também dentro das demais religiões, é a missão da pessoa e das comunidades que seguem a Jesus: “*Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros*” (13,35). E Jesus reforça isso em suas palavras de despedida: “*Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei a conhecê-lo ainda mais, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles*” (17,26)¹³.

Todas as violências mencionadas ao longo desse artigo, tão presentes ainda em nossos dias e em nossa sociedade, tão abundantemente marcada por nomes e símbolos cristãos, por tantas igrejas, cultos e celebrações eucarísticas, revelam o quão distante nosso cristianismo está de Jesus. A indiferença, quando não o incitamento, vigente em muitas das igrejas frente a essas violências, aliada à indiferença frente às injustiças e às ainda escandalosas diferenças sociais que caracterizam nossa nação, o individualismo insensível que se revela na oposição

13. Ver artigo “Em verdade e em Espírito”, publicado na revista *Estudos Bíblicos* [Editora Vozes, Petrópolis, RJ], número 106, 2010/2, p.11-21.

e no combate a políticas de ordem compensatória e distributivista, mostram que nossas concepções de Deus e de religião estão muito afastadas da vida. Que nossa noção de sagrado está muito pervertida e colonizada por uma série de interesses vinculados a propósitos que pouco ou nada têm a ver com o Reino de Deus desejado por Jesus. Que o Santo espírito do Deus de Amor nos encha de coragem para fazermos com que as leituras bíblicas feitas em nossas comunidades, e os rituais e celebrações que as marcam e animam, nos façam ser cada vez mais sensíveis às injustiças e violências, mais humanos e solidários com os que sofrem exploração e injustiças, e mais amorosos frente aos diferentes, para que assim possamos experimentar a vida plena propiciada pela comunhão com a divindade, que é Amor.

Luiz José Dietrich

Cx. Postal 5.150

88040-970 Florianópolis, SC

(48) 3234-2325

luizdietrich@ig.com.br